

A stylized, high-contrast portrait of Carolina Maria de Jesus, showing her face in profile, looking down. The portrait is rendered in black, white, and grey tones, with a textured, almost woodcut-like appearance. The background is a vibrant orange with yellow and red splatters, suggesting a sunset or a fiery atmosphere. The entire composition is framed by decorative black lines and motifs, including a central horizontal line with a crescent moon and dots, and vertical lines with circular and floral patterns at the corners.

Jeosafá  
Fernandez  
Gonçalves

# Carolina Maria de Jesus

Uma biografia romanceada

NOVALEXANDRIA





## APRESENTAÇÃO: a biografia romanceada

Conhecer o mundo é uma das coisas mais apaixonantes da vida. O mundo é imenso, cheio de segredos a serem descobertos, belezas a serem vistas, aventuras a serem vividas e...histórias a serem conhecidas.

Há histórias de todos os tipos: sobre coisas acontecidas, sobre coisas que estão acontecendo, sobre coisas que vão acontecer. Há também histórias reais, para a gente se informar e aprender — como as notícias, os relatos, as descrições dos livros científicos ou didáticos. E há ainda histórias inventadas, para a gente soltar a imaginação, se divertir e refletir sobre a vida e o mundo, como as fábulas, as parábolas, os contos de fada e literários, as novelas e os romances de ficção — outro nome que se dá para a fantasia.

A escolha do gênero biografia romanceada para abordar a vida de Carolina Maria de Jesus é porque esse gênero literário tem um lugar especial no coração do público. No mundo inteiro, os gêneros ficcionais estão entre os mais procurados por leitores de todas as idades, pelo poder de encantamento que encerram — eles nos transportam no tempo, no espaço e na imaginação.

Se o romance, gênero apreciadíssimo no Brasil, exerce um poder de sedução especial sobre o leitor, mais intenso ainda é esse poder quando ele se apoia sobre a vida real — haja vista o sucesso dos filmes baseados em fatos reais, com frequência campeões de bilheteria.

A criança entre 10 e 12 anos já está habituada à fantasia dos desenhos de HQs, de filmes e animações de TV e cinema, mas também, no mais das vezes, via escola, à fantasia proporcionada pelas fábulas, parábolas e contos populares/tradicionais, de fada ou maravilhosos. A biografia romanceada é, assim, apenas um texto um pouco mais extenso.

A estrutura narrativa do romance, assim como o conto, já é conhecida dos estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental. Uma das narrativas mais famosas de todos os tempos, que alguns consideram na origem do gênero, são as *Mil e uma noites*, em que a lendária Sherazade, para escapar à morte, narra a seu Sultão histórias maravilhosas, em que o fim de uma está sempre amarrado ao início da próxima, numa cadeia infinita.

Sendo uma narrativa, muito embora literária, a biografia romanceada tem com as demais narrativas, ficcionais ou não, o mesmo parentesco de estrutura, cujos seis elementos são bem conhecidos:

Quem?: autor, narrador e personagens (que podem ser representações humanas ou não).

O quê?: os fatos representados.

Quando?: o tempo em que os fatos ocorreram.

Onde?: os espaços em que os fatos se deram.

Como?: o enredo ou sequência de fatos.

Por quê?: as motivações dos fatos e das personagens.

Toda narrativa tem um autor, que é quem a inventou ou criou. Sua cultura, suas preferências, sua nacionalidade, sexo, idade, se refletem na escrita. Por exemplo, Machado de Assis escrevia de uma maneira quando jovem, e de outra quando maduro. Sua escrita madura é que o tornou famoso.

Cada história tem um narrador próprio, que é inventado do pelo autor. Nesta narrativa *Carolina Maria de Jesus — Uma biografia romanceada*, a narradora é a voz interior personagem ainda criança. Essa voz, que fala dentro da cabeça — ou do coração — da menina, vai contando a história da escritora que se tornou um verdadeiro fenômeno de nossa literatura. Como se trata de biografia romanceada, os fatos, os cenários, as épocas reais da vida de Carolina Maria de Jesus serviram de base do enredo.

Porém, esta biografia romanceada é um texto de ficção, em que a fantasia comanda tudo e que tem o objetivo de entreter, divertir, estimular a imaginação e o gosto pela leitura — diferentemente da biografia histórica ou jornalística, que tem a obrigação de informar e de representar os fatos tal como eles aconteceram na vida real.

**QUANDO A MULHER NEGRA SE MOVE, TODA A ESTRUTURA DA SOCIEDADE SE MOVE COM ELA**

O título acima, uma citação da filósofa norte-americana Angela Davis, se aplica a todas as mulheres negras do planeta. Porém, quando a gente descobre o que foi a vida de Carolina Maria de Jesus é que entende, com a mente e com o coração, o que essa frase famosa de Angela quer dizer.

Carolina, de menina sonhadora do interior das Minas Gerais, foi literalmente atirada ao lixo, viveu no lixo, e sustentou sozinha a si e aos filhos do lixo catado pelas ruas da cidade de São Paulo.

Porém, morando em um barraco de madeiras catadas no próprio lixão, na favela do Canindé, várzea do rio Tietê, atravessada pelo esgoto a céu aberto, correndo em meio a vielas de terra, ela, aos 44 anos de idade, pôs nas mãos do jornalista Audálio Dantas, que fazia reportagem na favela para o jornal *Folha da Noite*, hoje *Folha de S. Paulo*, no ano de 1958, os originais manuscritos de um dos livros mais comoventes, fortes e cheio de coragem da literatura brasileira: *Quarto de despejo – Diários de uma favelada*.

Quando Carolina Maria de Jesus se moveu e publicou esse seu primeiro livro, as estruturas que condenam mulheres, crianças, negros, índios e pobres a uma vida tão dura saltaram pelos ares, como prevê Angela Davis, e vieram à luz sem meias palavras. Até hoje *Quarto de despejo*, já publicado em mais de quarenta países e pelo menos dezesseis idiomas, sacode as estruturas de nosso Brasil e de um mundo tão lindo e ao mesmo tempo tão injusto — e mesmo cruel — para a maioria.

Mas nos livros dessa incrível escritora, que sacudiu o lixo de cima de si e venceu os preconceitos de forma tão impressionante, não há rancor. Há poesia, simplicidade, sentimento de justiça e uma visão aguda, que atravessa as dificuldades e enxerga o sol que fica além da montanha de lixo — mas que pode ser alcançado. E ela se dá, humilde e genial, como exemplo, dessa jornada dura, mas possível, rumo ao sol.

Esta pequena biografia romanceada, baseada na vida de Carolina Maria de Jesus, eu escrevi para você a conhecer — e refletir se o bonito exemplo de perseverança e superação que ela dá ainda tem valor nos dias de hoje, quando o mundo parece às vezes querer girar para trás. Eu me inspiro muito nela quando enfrento dificuldades — e ela me dá muita força.

Então, a seguir, para você, esta Carolina Maria de Jesus — meio real, meio inventada, mas cem por cento verdadeira.

O autor

# 1. Eu sou a narradora dentro de você

Booooo diiiia!

Que está fazendo aí, menina? Com um sol desses, essa manhã deliciosa, essa belezura de passarinhos fazendo tic-tic nos galhos das plantas, as joaninhas fugindo deles, esse ventinho fresquinho da manhã, essas pipas rabiolando no céu azul? Está doente?

— Não tô doente nada. Tô brincando com minha boneca, me largue.

Não largo.

— Quer conversar com minha boneca?

Não, quero que você saia por aí correndo no meio das plantas do quintal.

— Você quer, mas eu não quero. Quero ficar aqui onde estou paradinha, imaginando que a minha boneca fala comigo.

Ah, tá. Mas então eu vou ficar aqui também.

— Não me atrapalhe.

Atrapalho. Ou melhor, ajudo. Sabia que, se não fosse eu, você não conversava com boneca nenhuma, nem com as plantas, nem com os passarinhos, nem com as joaninhas escondidas deles debaixo das folhas?

— Seu nariz.

Meu nariz uma ova.

— Quem você acha que é pra me falar essas coisas?

Eu sou a narradora.

— Vixe! O que é uma narradora?

Uma voz que mora dentro de você, que vê tudo e conta o que viu, sente tudo e conta o que sentiu, imagina tudo e conta o que imaginou... essas coisas todas que sua mãe acha esquisito em você, quando você fala sozinha.

— Ela acha que sou doida...

Acha nada. É da boca pra fora. Ela também tem a narradora dentro dela, só que em vez de conversar com bichos, plantas, coisas existentes ou inventadas, ela canta.

— Eita! Então quando ela canta lavando roupas no tanque, estendendo no varal e embrulhando na trouxa para levar para a patroa ela está “conversando” com a narradora dela?

Está. E quando canta fazendo tudo isso, o tanque parece ter menos roupa,

o varal parece menor e a trouxa de roupas parece ser menos pesada– e até o dinheirinho pouco que ela recebe parece maior.

— Vixe, então a vida é uma coisa dentro da fantasia?

É, a vida é uma coisa dentro da fantasia. E, fora da fantasia, a vida é outra coisa.

— Você está zombando de mim.

Estou. Quer o quê? Só porque sou uma voz dentro de você não quer dizer que não faço o que quero.

— Se você mora dentro de mim, então eu mando em você, pronto e acabou!

Nem pronto, nem acabado. Não manda em mim coisa nenhuma, que ninguém manda em mim.

— Se eu não mando, então minha mãe manda.

— Manhêêê! Tem uma coisa falando dentro da minha cabeça.

— Deixe de bestagem, menina!





Carolina Maria de Jesus amava ler e escrever, mas foi literalmente atirada ao lixo, viveu no lixo, e sustentou sozinha a si e aos filhos com o produto de seu trabalho catando lixo pelas ruas da cidade de São Paulo. No entanto, aos 44 anos de idade, ela publicou um livro que marcaria para sempre a literatura brasileira: *Quarto de despejo – Diários de uma favelada*. Esta biografia fala sobre a trajetória e os sonhos de Carolina desde menina, e é um louvor à sua vida, contando ficcionalmente sua jornada dura, mas possível, rumo ao sol.

NOVALEXANDRIA